

Geoeconomia dos emergentes

Mercados decisivos para a recuperação da economia global, até porque muito mais imunes às consequências da crise financeira, os países emergentes apresentam taxas de crescimento mais altas face aos principais países desenvolvidos e têm desempenhado um papel fundamental na consolidação dos volumes de comércio internacional e de crescimento da economia mundial ao longo desta última década. Por definição, estes países emergentes encontram-se a meio caminho entre o estado de desenvolvimento e a obtenção de um estatuto de país desenvolvido, numa postura agressiva, com indicadores elevados quanto à inserção na corrente do comércio global e, inevitavelmente, valores de crescimento susceptíveis de impressionar, largamente superiores aos da média da economia mundial. Longe de corresponderem a uma periferia ou a uma estrutura geográfica específica,

os países emergentes apresentam, ao invés, uma dinâmica geoeconómica extensível a praticamente todos os continentes, a todas as realidades políticas, numa mancha que se estende da América do Norte à América do Sul, que passa por África, quer a norte, quer a sul, avança para o Leste da Europa e para a Ásia Central, descendo depois até a alguns países do Médio Oriente e, por fim, até ao Sueste asiático.

Uma diversificada e heterogénea geoeconomia em que os emergentes apresentam como maior cartão de visita quatro colossos económicos conhecidos pela sigla BRIC – Brasil, China, Índia e Rússia – com toda a responsabilidade e dimensão que estes países têm assumido na ancoragem do crescimento do consumo e na chegada de novas dezenas de milhões de consumidores ao mercado mundial, todos os anos.

Uma realidade pujante, a cuja capacidade emergente se juntam outros pesos-pesados como México, Indonésia, Turquia, África do Sul ou, numa lógica mais comedida,

economias como as da Coreia do Sul, Argentina ou Chile.

Risco elevado, maior rentabilidade

Em matéria de investimento, os mercados emergentes são encarados como economias em que a dose de risco é maior e, por isso, igualmente menor a segurança para o capital transferido, embora os níveis de rentabilidade e crescimento ofereçam, inevitavelmente, valores superiores aos rácios mais comuns.

A enorme força de um consumo interno, assente em milhões de consumidores que, fruto do desenvolvimento destes países, passaram a dispor pela primeira vez de uma capacidade financeira para adquirir bens e serviços que anteriormente não conseguiam, é uma das características fundamentais e mais apetecível destes mercados. Por isso mesmo, não espanta que sejam olhados como um destino predilecto na afirmação e consolidação das apostas por

parte das grandes multinacionais, sobretudo na área das telecomunicações, nos serviços financeiros, nas cadeias alimentares ou na área do vestuário de marca.

A tendência dos últimos anos prova que as economias emergentes são directamente responsáveis pela dinâmica dos seus vizinhos, dada a sua preponderância regional, o seu elevado índice populacional, a dimensão dos seus mercados, bem como a sua força ao nível dos recursos e matérias-primas. Uma influência que se agrava nas consequências, assim que estes próprios mercados emergentes enfrentam períodos de crise.

Do ponto vista político, os mercados emergentes apresentam-se num patamar de transição entre as políticas proteccionistas que se mostraram insuficientes para garantir um crescimento sustentado das suas economias e a abertura ao mercado internacional. Por isso mesmo, contribuem de forma crescente para o comércio mundial, com crescimento explosivo, o que lhes permite reivindicar uma maior preponderância negocial nos grandes fóruns internacionais.

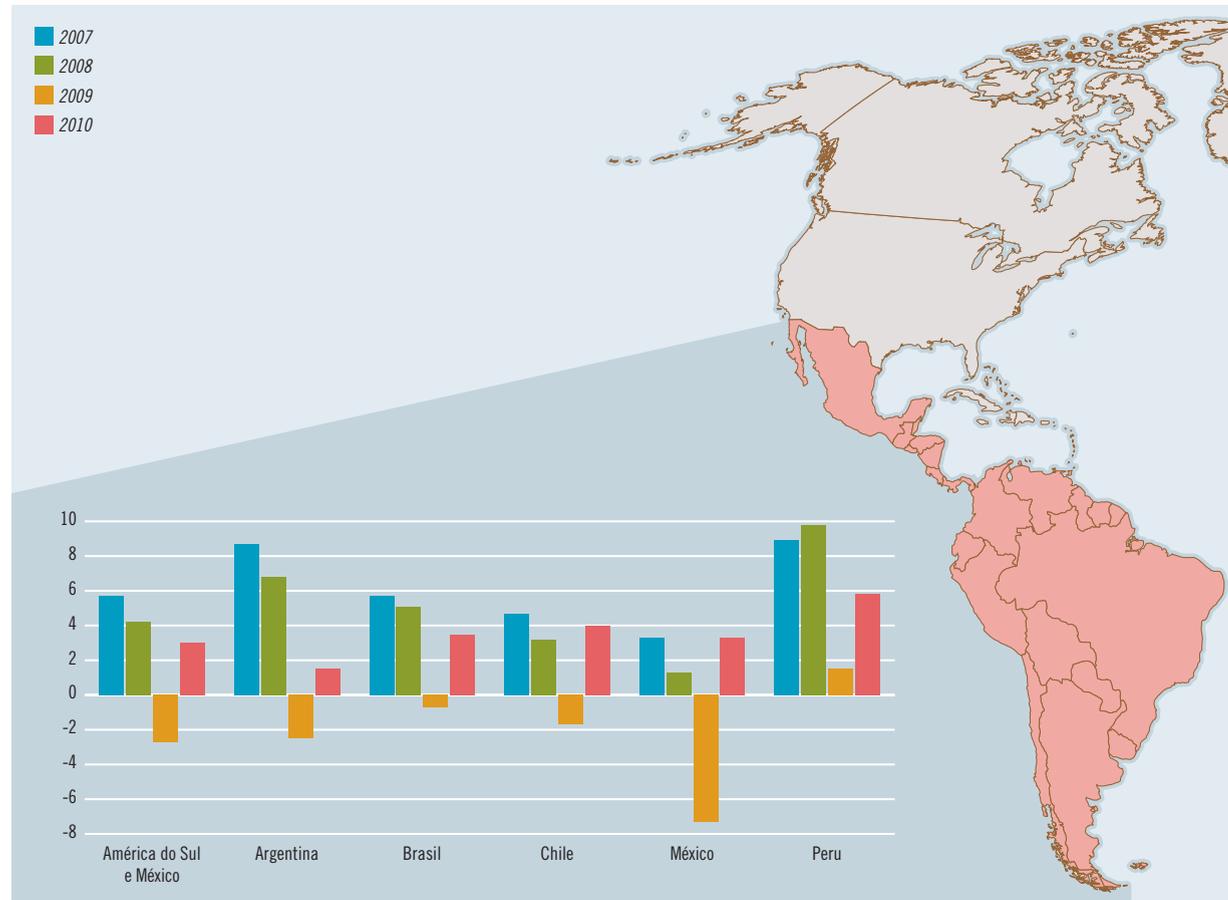
Os enormes fluxos de investimento que recebem, orientados para deslocalização internacional da produção em função dos custos, a par de uma exploração do próprio mercado interno em crescimento, divergem claramente da linha clássica de ajuda aos países em desenvolvimento. Nesse sentido, é cada vez maior a interdependência global entre países industrializados e os mercados emergentes.

Retorno ao crescimento

As economias emergentes têm uma previsão de crescimento de quase 5% para 2010, lideradas pela China e pela Índia e arrastadas por outras dinâmicas regionais, mesmo se nalguns casos as recuperações vão sendo feitas por via de pacotes de estímulo introduzidos pelos Estados e uma melhoria das condições globais em termos de comércio e fluxos financeiros.

Embora afectadas com a redução das exportações, as economias emergentes da Ásia recuperaram na primeira metade de 2009 parte do fôlego perdido e apresentam sinais

CRESCIMENTO ECONÓMICO: AMÉRICA DO SUL E MÉXICO (em %)



Fonte: World Economic Outlook 2009, IMF.

Pedro Pinto

francamente animadores para 2010. Depois de um crescimento a rondar dois dígitos em 2007, o ritmo caiu para metade durante este ano, mas deverá chegar quase aos 7% no próximo.

Também na América Latina os sinais de estabilização são nítidos, com uma forte probabilidade de recuperação completa ao longo dos próximos meses. Os dados apontam para que a retoma tenha começado durante o segundo quartel, uma dinâmica imposta pelo Brasil, não só favorecida pelo seu forte mercado interno e uma maior diversificação nas suas exportações, mas também, pelas crescentes ligações da sua economia ao mercado asiático. E com os fluxos de capital a retornarem à região, a par de uma melhoria

nos preços das matérias-primas, o quadro está claramente desanuviado.

Já o México, a economia mais penalizada no hemisfério ocidental pelas consequências da crise, vai recuperar mais lentamente, dada a sua maior interdependência com a economia norte-americana. Nos antípodas está o Peru, com um regresso a uma dinâmica forte que marcou os anos anteriores ao espriar da actual contracção económica, com taxas de crescimento a rondar os dois dígitos. Em todo o continente americano, é o país com maior impulso para 2010.

Em África, destaque para o crescimento previsto em Angola, a rondar os 10%, ainda assim menos de metade do que foi alcançado em 2007. Um registo, todavia, para lá

do dobro do que deverá ser alcançado por todo o continente, com particular aproveitamento para a região do Magrebe e países como Quênia, Tanzânia e Uganda.

Destaque ainda para os valores alcançados pela Rússia, o último dos BRICs: o regresso a um crescimento económico ainda tímido para 2010 contrasta com uma estagnação que, por ora, ainda se vai manter na região do Báltico, bem como em algumas das economias da Europa de Leste, casos da Bulgária, Roménia ou Croácia.

Desafios futuros

Reduzir a influência que o Estado tradicionalmente desempenha nestas economias

é o grande desafio dos emergentes. Para além de um ataque esclarecido e eficaz à corrupção, que mina o ambiente comercial, distorce a concorrência e coloca entraves ao processo de desenvolvimento. Uma tarefa ainda mais importante para os países cujas reformas estruturais incluem o sistema financeiro e o próprio sistema político. Pelo seu potencial, os países emergentes vão desempenhar, com naturalidade, um papel-chave no futuro crescimento da economia mundial e tornar-se actores fundamentais naquilo que são as políticas globais. Se conseguirem manter a sua estabilidade política e ser bem sucedidos nas inevitáveis reformas estruturais que terão de empreender, o seu futuro é auspicioso. ■

CRESCIMENTO ECONÓMICO: EUROPA, ÁFRICA E ÁSIA (em %)



Fonte: World Economic Outlook 2009, IMF.